



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1237

OS PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: “A PANACEIA DE TODOS OS PROBLEMAS”?

Ana Beatriz Accorsi Thomson
(Universidade Estadual de Londrina)

Resumo. As reflexões dentro âmbito da Educação Histórica têm buscado analisar e compreender as diversas práticas em sala aula, as relações entre professores e alunos, a construção do conhecimento histórico, das narrativas e, também, como os materiais didáticos e paradidáticos se articulam ao processo de aprendizagem. Assim, para essa dissertação, realizada no programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina e orientada pela Prof. Dra. Marlene Cainelli, temos como objetivo refletir sobre a utilização dos paradidáticos no ensino e analisar como os professores se relacionam e entendem tais materiais na atualidade. Nesse sentido, buscaremos, inicialmente, investigar o contexto de surgimento dos materiais paradidáticos voltados ao ensino de história, que, segundo Ernesta Zamboni (1991), surgiram para sanar todas as dificuldades e servir como “panaceia” dos problemas educacionais. Também, priorizaremos o trabalho com livros paradidáticos relacionados à história da África, com o intuito de investigar como tem sido as discussões sobre esse tema em sala de aula e quais são as possibilidades de explorá-lo por meio de materiais alternativos ao livro didático. Nesse sentido, pretende-se adotar a perspectiva metodológica de investigação qualitativa, realizando questionamentos e entrevistas com professores de História envolvidos com os anos finais do Ensino Fundamental. Buscaremos verificar a hipótese de que a utilização desse tipo de material possa expandir os conteúdos que normalmente são abordados pelos professores no ensino de história da África, valorizando principalmente os aspectos culturais e podendo representar também um incentivo à formação do aluno-leitor.

Palavras-chave: Paradidático; Ensino de história; História da África.

Introdução/justificativa

Ao analisarmos o cenário atual da educação no Brasil, um tema fundamental que em nossa opinião exige maiores reflexões são as práticas de leitura dos alunos. Segundo Laguna (2001), a prática da leitura pode ser responsável por estabelecer mudanças significativas no ensino, pois “[...] através da leitura, pode-se sair da alienação, gerada por estagnação de ideias, que se tornam obsoletas devido a mudanças históricas” (LAGUNA, 2001, p. 44).

Atualmente muitos educadores consideram o trabalho com a leitura crítica, com a interpretação de textos e fontes históricas nas aulas de história, por exemplo, algo inovador. Isso porque essas práticas se configuram de maneira contrária à mera transmissão do conhecimento e do entendimento do aluno como um passivo receptor daquilo que o professor “tem a oferecer”. Assim, a adoção de novos objetos, novos problemas e novas abordagens no ensino de história surge como uma ideia “[...] desafiadora, pois significa abandonar as anotações amareladas de aulas – repetidas à exaustão – e estar aberto ao novo e imprevisível de cada dia” (FRONZA; RIBEIRO, 2014, p. 311).

São recorrentes, nos últimos anos, pesquisas e investigações científicas que buscam fundamentar essas abordagens ditas inovadoras. Dentro desse conjunto de novas práticas, o uso dos materiais paradidáticos no ensino de história deve ser encarado com cautela, pois embora isto possa ser visto como prática diferenciada e instigadora de “novos horizontes” também pode ser tido como o caminho mais fácil, como a solução ideal, ou até mesmo – de acordo com Zamboni (1991) – como a “panaceia” de todos os problemas da educação.

Assim, frente a um mundo em processo constante de transformação, onde, segundo Sevcenko (2001, p. 17), notamos uma abundância de informações, um “clímax de acelerações precipitadas” e “intensidades extremas” considera-se que no “[...] ritmo em que as mudanças ocorrem, provavelmente nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já foi tarde demais”. Nesse sentido, para Barca (2011, p. 38), as “[...] complexidades do mundo atual

exigem uma resposta educacional também complexa e sobretudo consistente, não meramente prescritiva”.

Em um contexto geral, a presente dissertação pretende analisar as possibilidades e as práticas envolvendo o uso de materiais paradidáticos no ensino de história, pois temos como preocupação refletir sobre o desenvolvimento do hábito da leitura, afinal acreditamos que:

[...] o trabalho com a leitura [na educação] é um ato político. O professor, como mediador entre a obra e o aluno leitor, deve considerar o contexto em que se situam os elementos da comunicação literária: aluno, obra e ele próprio, professor. A partir daí, o professor buscará entender as necessidades e anseios dos alunos quanto aos próprios limites da obra que vai ser lida e a posição que pode assumir frente a ela. (LAGUNA, 2001, p. 44).

Objetivos

Essa pesquisa tem como objetivo, portanto, refletir sobre a utilização dos paradidáticos no ensino e analisar como os professores se relacionam e entendem tais materiais na atualidade. Consideramos aqui como paradidáticos os livros utilizados para darem suporte ao processo de ensino e aprendizagem, excetuando aqueles institucionalizados e rotulados como didáticos. Acreditamos que a pesquisa sobre esses materiais é fundamental para que possamos mapear as práticas mais recentes em sala de aula e apontar um panorama sobre os materiais que vêm sendo adotados no ensino de história nos últimos anos pelos professores.

Algumas investigações têm apontado para uma estreita ligação entre a cultura histórica e o processo de escolarização e nelas podem ser enquadrados os trabalhos relacionados aos estudos das concepções de aprendizagem em manuais de alunos e/ou manuais de Didática da História destinados a professores e também à presença das ideias históricas nos manuais e nos cadernos dos alunos. (SCHMIDT; BARCA, 2014, p. 32, 33).

Durante a realização da pesquisa priorizaremos os paradidáticos voltados ao ensino de história da África. Com isso, acreditamos que a investigação poderá também mapear como tem sido as discussões sobre esse tema em sala de aula e quais são as possibilidades de explorá-lo por meio de materiais alternativos ao livro didático, verificando, inclusive, a hipótese de que a utilização desse tipo de material

possa expandir os conteúdos que normalmente são abordados pelos professores dentro desse tema.

Com relação aos estudos a respeito da história da África e da cultura afro-brasileira concordamos com Bellucci (2003).

[...] Os professores de história e literatura – destacados como os principais canais para a sua aplicação – não tiveram a oportunidade, salvo raras exceções, de ter contato com tais temas. O cenário tem sofrido alterações, mas ainda persistem nos currículos da esmagadora maioria das universidades brasileiras lacunas no que diz respeito ao estudo da história da África e da cultura afro-brasileira. (BELLUCCI, 2003, p. 7).

Elencamos quatro tópicos principais que orientam nossa reflexão sobre os materiais paradidáticos e que constarão nos estudos exploratórios que faremos com os professores, em uma próxima etapa da pesquisa.

Questionamentos centrais	Desdobramentos
1. Quais são os tipos de materiais paradidáticos disponíveis para o ensino de história da África?	Quais os formatos dos livros paradidáticos que podem ser utilizados nas aulas de história? Quais são os temas? E as abordagens?
2. Que utilização é feita dos materiais paradidáticos no ensino de história da África?	Qual a frequência de utilização? Isso é feito como rotina ou apenas para diversificar os recursos pedagógicos? Os recursos paradidáticos são explorados em seu contexto de produção e de forma crítica? Ou configuram apenas ilustração ao conteúdo? Os paradidáticos utilizados substituem, complementam ou contradizem as narrativas do livro didático?
3. Como os professores entendem esses materiais paradidáticos?	Os professores sentem que há opções suficientes de recursos paradidáticos disponíveis? Qual a visão dos professores sobre esses materiais paradidáticos e suas possibilidades? Como funciona a dinâmica

	da aula quando esses recursos são usados? Os alunos percebem tais materiais como dignos de “conteúdo” também?
4. De que forma se estabelece o processo de ensino e aprendizagem de história a partir dos materiais paradidáticos?	Que forma de narrativa histórica se configura quando materiais paradidáticos são usados nas aulas de história? Como os alunos podem se mostrar como sujeitos de sua aprendizagem através desses materiais? Como se percebe as diferenças entre o ensino exclusivo com livros didáticos e o ensino que possibilita abarcar outros tipos de materiais?

Essa reflexão acerca da utilização dos materiais paradidáticos nas aulas de história se inclui nas prerrogativas do campo da Educação Histórica, pois prioriza-se uma metodologia de investigação que procurará mapear, levantar dados e possibilidades sobre as práticas em sala de aula. Assim, nossa proposta dialoga com as pesquisas sobre: os mecanismos globais, as atividades cotidianas dos professores, as experiências dos alunos e suas relações com os recursos pedagógicos. Esses temas, nos últimos anos, passaram a ser investigados e assumiram importante papel nas pesquisas relacionadas à Educação Histórica, colocando, então,

[...] os pesquisadores das universidades mais próximos dos interesses e das preocupações dos professores de História que atuam na escola, bem como da busca por um ensino de História que tenha mais significado e mais sentido para crianças e jovens alunos. (CAINELLI; SCHMIDT, 2011, p. 11).

A consolidação de grupos de pesquisa atualmente em diversas universidades, em vários países, demonstra como essa área tem se desenvolvido de forma crescente nos últimos anos. Como pressupostos teóricos e metodológicos básicos, as investigações dentro do campo da Educação Histórica são centradas em pesquisas sobre o aprendizado histórico, envolvendo noções de cognição histórica.

Assim, afirma-se que “[...] diferente da pesquisa sobre o desenvolvimento cognitivo da aprendizagem referenciada na Psicologia da Educação, as análises da cognição no viés da Educação Histórica tomam como referência a própria epistemologia da História” (GERMINARI, 2011, p. 56).

No geral, buscam-se levantar nesse campo de estudo reflexões sobre o pensamento histórico de alunos e professores, sobre o conceito de consciência histórica, sobre as narrativas e experiências dos alunos, sobre a relação existente entre crianças e jovens com o conhecimento histórico, entre outros possíveis temas. Germinari (2011), por exemplo, delimita três núcleos centrais de estudo no campo da Educação Histórica: análises sobre ideias de segunda ordem, análises sobre as ideias substantivas e reflexões sobre o uso do saber histórico.

O campo da Educação Histórica teve sua origem em meados da década de 1970, na Inglaterra. Buscando compreender melhor o pensamento histórico dos alunos e evitando uma categorização piagetiana em estágios de pensamentos por idade, as pesquisas de Alaric Dickinson, Peter Lee, Peter Rogers e Denis Shemilt (BARCA, 2011) partiram de alguns conceitos relacionados à natureza da História, ou seja, de conceitos que foram chamados de “segunda ordem”.

O estudo de Dickinson e Lee realizado em 1978 com alunos de 12 a 18 anos, considerado um marco das pesquisas em Cognição Histórica, imprimiu um novo olhar sobre a questão da aprendizagem histórica. Este estudo questionou as pesquisas anteriores sobre essa aprendizagem baseadas em lógicas não históricas, como a noção piagetiana de invariância dos estágios de desenvolvimento humano. (GERMINARI, 2011, p. 57).

Para Barca (2011), a partir dessa “escola inglesa” que passou a abordar reflexões relacionando a História ao ensino e à filosofia da História é que surgiu a Educação Histórica, ou seja, “fundou-se assim um campo de ‘educação histórica’ [...]. Nesse campo, o olhar dos investigadores tende a privilegiar as concepções dos agentes diretos da aprendizagem e do ensino” (BARCA, 2011, p. 25).

Resultados

Iniciamos a presente pesquisa verificando como se deu o surgimento dos materiais paradidáticos no mercado editorial brasileiro e no campo educacional.

Segundo Laguna (2001) os materiais paradidáticos surgiram a partir de debates a respeito das práticas de leitura dos alunos.

Os livros paradidáticos nasceram das discussões sobre a necessidade de autores brasileiros produzirem para crianças e jovens buscando formar, através deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. As editoras passaram a investir em textos alternativos, com temas e linguagem mais acessíveis, que serviriam para introduzir o aluno no universo da leitura e prepará-lo para obras mais complexas [...]. (LAGUNA, 2001, p. 48).

Reconhecemos, portanto, que o material paradidático apresenta uma linguagem mais acessível aos alunos, pois já foi produzido com o propósito de ser utilizado para uma faixa etária direcionada. Gatti Junior (2004) traz alguns depoimentos de professores a respeito da utilização desse tipo de material em sala de aula. Um desses professores afirma que: “enquanto o livro didático tinha a preocupação de, por exemplo, dar uma e única versão de um acontecimento, esses textos [paradidáticos] podem introduzir polêmicas” (NEVES apud GATTI JUNIOR, 2004, p. 210).

Nesse sentido, de acordo com Zamboni (1991), os materiais paradidáticos na forma de uma “nova cultura livresca” teriam surgido com a “[...] finalidade de complementar o livro didático, subsidiar o trabalho docente e oferecer ao professor e aos alunos novas abordagens a respeito dos temas estudados e/ou propor outros” (ZAMBONI, 1991, p. 2).

A presença de materiais diversificados e complementares ao livro didático no ensino foi ampliada principalmente devido ao anseio de grupos de professores que desejavam inovar em suas práticas (ZAMBONI, 1991). Criou-se, então, uma demanda para os materiais paradidáticos voltados ao ensino, com o objetivo de dar suporte ao uso do livro didático como fascículos, revistas, textos literários, livros temáticos etc. Inclusive, de acordo com Fonseca (2003, p. 54), muitos dos materiais paradidáticos “[...] tornaram-se um novo campo para a publicação dos trabalhos acadêmicos”. A autora inclui esses materiais de “diferentes tipos e enfoques” no movimento de renovação pelo qual passou o ensino de história na década de 1980, que foi acompanhado pelas novidades que apontavam no mercado editorial.

As editoras têm organizado persistentes esquemas visando expandir o mercado consumidor do “paradidático”. O incremento mercadológico ocorre por meio de mudanças editoriais, abrangendo

aspectos formais e de conteúdo das publicações, em tudo quanto possa atrair o público escolar. (ZAMBONI, 1991, p. 2).

Nesse sentido, devemos procurar compreender o surgimento dos paradidáticos dentro do contexto mercadológico e editorial, pois compreende-se que “[...] os paradidáticos não são tão inocentes, pois sua tessitura é montada com o objetivo de consumo imediato e massivo, semelhante a qualquer tipo de mercadoria vendável” (ZAMBONI, 1991, p. 4,5). Dessa forma, Zamboni (1991) afirma que a educação, no final do século XX, passa a abarcar também o setor privado e passa a ser concebida como um “investimento comercial”. Ainda segundo a autora, a demanda cada vez mais crescente da ampliação da escolaridade fez com que o Estado não desse mais conta de atender a toda a sociedade e a educação passou a ser considerada uma “mercadoria cultural de massa”. Nesse sentido, visando preencher esse espaço que só vinha se ampliando, Zamboni (1991) afirma que as editoras ligadas ao mercado educacional passaram a pensar em alternativas além dos livros didáticos e a partir desse “flanco aberto” investiram na produção dos paradidáticos, que segundo a autora se configuraram como o “novo filão lucrativo”.

A denominação paradidático, em catálogos editoriais, apareceu no final da década de 1970. Foi lançada numa política de “marketing” com finalidade comercial por Giro Takashi, que na época trabalhava para a Editora Ática. (ZAMBONI, 1991, p. 11).

Outro fator relevante a ser considerado também é que durante a década de 1980 houve uma crise editorial no Brasil, estimulada pelos altos índices inflacionários. Isso fez com que algumas editoras vendessem até 60% a menos de um ano para o outro, como exemplifica Zamboni (1991, p. 10). Nesse contexto, os livros com conteúdos didáticos e voltados aos estudantes se mantiveram como esperança e “retaguarda” econômica de muitas editoras.

O filão de ouro para o comércio do livro desloca-se para a juventude. Os editores investem em livros didáticos, literatura infanto-juvenil e agora nos denominados paradidáticos, que começam a entrar fortemente no mercado desde a década de 1980. (ZAMBONI, 1991, p. 11).

Assim, nas últimas décadas do século XX esse tipo específico de material passou a se apresentar como uma rentável alternativa às editoras, configurando também uma nova forma de encararmos o ensino de história, afinal:

[...] a ampliação do mercado de paradidáticos nos [leva] a concluir que as empresas editoriais tornaram-se, nas últimas duas décadas, agentes poderosos na definição de o que ensinar em história e como ensiná-la na escola fundamental. (FONSECA, 2003, p. 56).

Zamboni (1991) afirma que esses recursos passaram a ser considerados por muitos como a “[...] panaceia de todos os problemas do ensino” (ZAMBONI, 1991, p. 47). No entanto, segundo a autora, muitos deles inovaram apenas no aspecto da linguagem e nas novas formas de apresentação estética, pois seu conteúdo continuava tradicional e os níveis de recortes temáticos também continuavam os mesmos daqueles materiais institucionalizados.

Essa autora realizou uma análise de livros paradidáticos voltados ao público do Ensino Fundamental, publicados principalmente durante a década de 1980. Em seu trabalho ela mapeou os principais paradidáticos do mercado, segundo cada editora e coleção. Ela verificou três coleções em particular: *A História em Documentos* (Editora Atual), *Redescobrimo o Brasil* (Editora Brasiliense) e *O Cotidiano da História* (Editora Ática). Primeiramente, ela verificou as inovações nos formatos e, depois, buscou sistematizar as inovações “conteudísticas”. Alguns fatores foram priorizados na análise como: apresentação gráfica, jogos de cores, tipo de letras, ilustrações, vocabulário, papel, páginas, linguagem, recursos narrativos, apresentação da história em quadrinhos, da narrativa ficcional, emprego de documentos, contexto social, sujeitos históricos, relações sociais.

A autora em sua pesquisa pretendeu ainda analisar como se expressava a dinâmica do poder nos materiais. Os níveis de manifestação de poder que foram analisados por Zamboni (1991) são: a organização política (instituições, leis, Igreja, nobreza, etc.) e a interação social (dia a dia, diálogos, posturas, etc.).

Após a análise, Zamboni (1991) concluiu que a relação entre paradidático e inovação pedagógica não se concretizava em termos reais, pois nem sempre esses materiais atendiam aos novos recortes temáticos, ao desenvolvimento de um pensamento crítico, à interpretação de fontes históricas e ao questionamento de algumas visões tradicionais da historiografia.

Portanto, o emprego da forma isolada, por mais inovadora que seja, impossibilita o alcance de inovações que apontem para a transformação, que somente será alcançada com mudanças substanciais nas abordagens do conteúdo proposto. E isto, como acreditamos ter explicitado, não ocorreu, pois, no final a história veiculada continuou sendo aquela exaltadora de heróis, excludente das minorias, reforçadora dos laços de dominação. (ZAMBONI, 1991, p. 200).

Para que a utilização desses materiais pudesse ser realmente significativa, segundo Zamboni (1991), eles deveriam ser agregados a uma abordagem consciente por parte do professor.

Os professores, na procura do novo, buscam nos filmes, nas revistas, nos jornais, recursos que possam lançar mão para inovar em sua prática docente. Entretanto, a sua precária formação, acrescida pela falta de informações a respeito das diferentes linguagens, impede-os de explorar de modo satisfatório todas as possíveis dimensões existentes nestes veículos de comunicação. (ZAMBONI, 1991, p. 76, 77).

Considerações Finais

Constatamos então, a partir dos estudos apontados, a necessidade de analisarmos as **práticas** atuais dos professores com os materiais paradidáticos no ensino de história. Também identificamos a necessidade de analisar as possibilidades desses recursos didáticos, que se expandiram ainda mais no mercado editorial e no contexto educacional brasileiro no início do século XXI.

Referências

BARCA, Isabel. O papel da Educação Histórica no desenvolvimento social. In: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Educação Histórica: Teoria e Pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011, p. 21 – 48.

BELLUCCI, Beluce (Coord.) **Introdução à história da África e da cultura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: UCAM, CEAA: CCBB, 2003.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Educação Histórica: Teoria e Pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papyrus, 2003. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).

FRONZA, Marcelo; RIBEIRO, Renilson Rosa. Aulas de História: a formação de alunos-leitores de mundo na contemporaneidade. **Espaço Pedagógico**. v. 21. n. 2. Passo Fundo, jul./dez. 2014. p. 304-317. Disponível em: <www.upf.br/seer/index.php/rep>. Acesso em: 27 jul. 2015.

GATTI JUNIOR, Décio. **A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)**. Bauru (SP): Edusp, 2004. (Coleção Educar).

GERMINARI, Geyso D. Educação histórica: a constituição de um campo de pesquisa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 42, p. 54-70, jun. 2011. Disponível em: <www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/3261>. Acesso em: 14 ago. 2015.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n.2, 2001. Disponível em: <www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/81>. Acesso em: 14 ago. 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI. No loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. Uma epistemologia da pesquisa em educação histórica: limites e possibilidades. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; URBAN, Ana Cláudia (Orgs.). **Passados possíveis: a educação histórica em debate**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

ZAMBONI, Ernesta. **Que História é essa? Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.